

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA
CATARINA
CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EaD
PÓS-GRADUAÇÃO EM PROEJA**

**EVASÃO E PERMANÊNCIA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ALUNOS DE GUARACIABA – SC: principais motivadores**

Alcenia Ferronato

RESUMO

Este artigo apresenta algumas considerações sobre as causas e as consequências da evasão escolar na EJA, principalmente no que se refere à EJA de Guaraciaba- SC. O objetivo do presente estudo foi o de realizar pesquisa para entender a causa da incidência de evasão que ocorre com alunos que frequentam a EJA de Guaraciaba-SC. Essa pesquisa foi realizada através de entrevistas com alunos que frequentam a EJA bem como com os alunos que se evadiram. Para análise dos dados e informações coletadas, utilizou-se o método qualitativo para identificar e construir o objeto de pesquisa, além de observação do contexto da evasão. A pesquisa revelou a necessidade do envolvimento de todas as áreas da escola no combate à evasão por meio do efetivo trabalho educativo como uma maneira de enfrentar as causas deste complicado processo e minimizar as consequências que ele traz à escola e à sociedade, visto que as Diretrizes e Bases de Educação Nacional estabelecem a Educação Profissional na confluência de dois direitos fundamentais do cidadão: o Direito à Educação e o Direito ao Trabalho.

Palavras-chave: Evasão Escolar, EJA, Trabalho.

INTRODUÇÃO

Os adultos da EJA muitas vezes são caracterizados como aqueles que já estão inseridos no mundo do trabalho há certo tempo. Eles possuem um acúmulo de experiências e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmos e sobre as outras pessoas. Possuem também diferentes capacidades e dificuldades sobre os processos de aprendizagem. Porém, isso não representa um motivo para estereotipá-los como incapazes de aprender, pois eles possuem diferentes níveis de competências adquiridos ao longo de sua história de vida com a comunidade onde viveram e com o próprio trabalho. Sabe-se que por muitos fatores esses alunos acabam desistindo de estudar afastando-se do ambiente escolar ainda muito jovens e antes de terem completado os estudos.

Pretende-se através deste estudo averiguar as causas da evasão escolar dos alunos da EJA de Guaraciaba – SC, visto que a situação de alunos jovens e adultos que ainda não

tiveram seus direitos à educação assegurados não foge à situação de grande parte dos municípios brasileiros. Desta forma questiona-se: O que causa a evasão escolar dos alunos da EJA de Guaraciaba-SC?

Com a intenção de conhecer as causas da alta incidência de evasão dos alunos matriculados na EJA do município de Guaraciaba-SC, optou pela realização dessa pesquisa caracterizada como estudo de caso exploratório e analítico, numa perspectiva de análise qualitativa, uma vez que delimita uma realidade que possa ser referenciada ao universo total e que parte da interpretação das informações pela pesquisadora, norteada pelos referenciais teóricos eleitos para a análise.

A proposta metodológica empregada nessa investigação visou a alguns objetivos específicos, enumerados em ordem de realização, dentre eles: levantar dados que evidenciem o índice de evasão em Guaraciaba-SC; Identificar os alunos que evadiram da EJA no município; Identificar as turmas de EJA em Guaraciaba; Identificar e analisar os motivos que levaram os alunos a evadirem da EJA no município.

Percebe-se que é grande número de alunos que evade, o que se torna um desafio para os gestores e docentes da EJA. A evasão escolar está presente na maioria das escolas públicas do Brasil e em todas as faixas etárias, o que justifica a realização dessa investigação.

Na visão de Meksenas (1998):

A evasão de alunos da EJA só acontece porque os alunos são obrigados a trabalhar para sustento próprio e da família, exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o curso secundário. (MEKSENAS, 1998, p.98).

Sabe-se que por muitos fatores esses alunos acabam desistindo de estudar. Esse estudo visou averiguar as causas da evasão escolar dos alunos da EJA de Guaraciaba – SC, cuja intenção é contribuir como subsídios para tomadas de medidas mais efetivas pelas autoridades, assim como para futuras investigações.

REFERENCIAL TEÓRICO

Trajatória da EJA no Brasil

Na década de 1930, ocorreram os primeiros registros relacionados à educação básica de jovens e adultos no Brasil. Em 1930, foram criados os Ministérios da Educação e

Saúde, Ministério do Trabalho e o Conselho Federal de Educação, o qual procurou sistematizar o ensino brasileiro. O sistema público de educação elementar começou a se consolidar. O governo federal, por meio de diretrizes educacionais, determinou as competências dos Estados e Municípios sobre a responsabilidade pela oferta de ensino básico gratuito.

Especialmente nos anos 1940, o movimento de educadores em prol da ampliação do número de escolas e da melhoria de sua qualidade incluiu esforços para garantir a extensão do ensino elementar aos adultos.

No ensino profissional, apareceram novidades importantes. Em 1942, foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), com cursos para aprendizagem, aperfeiçoamento e especialização de trabalhadores. Em 1946, criou-se o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

Em pleno processo de industrialização do Brasil, esses organismos influenciaram bastante a educação de jovens e adultos (ARANHA, 1996).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e da ditadura Vargas em 1945, o país vivia a exaltação política da redemocratização. A educação de adultos ganhou destaque juntamente com a preocupação geral com a educação elementar comum, entre outras razões, pela necessidade de aumentar as bases eleitorais.

Nesse contexto, a educação de jovens e adultos definiu sua identidade tomando a forma de uma campanha nacional de massa. A Campanha de Educação de Adultos foi lançada em 1947 e originou discussões sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. Na campanha, foram delineadas três etapas:

- 1ª etapa: alfabetização em três meses;
- 2ª etapa: condensação do curso primário em duas etapas de sete meses;
- 3ª etapa: capacitação profissional e desenvolvimento comunitário.

O analfabetismo era concebido como causa e não como efeito da situação econômica, social e cultural do país. O adulto analfabeto era visto como incapaz e marginal, identificado, social e psicologicamente, como criança. Nos primeiros anos, a campanha conseguiu resultados significativos. Articulou e ampliou os serviços já existentes. Porém as iniciativas voltadas para a zona rural não tiveram o mesmo sucesso e, com isso, no final da década, a campanha se extinguiu.

Na gestão de Juscelino Kubitschek, com a implementação de uma política desenvolvimentista, registrou-se uma euforia e fé no futuro do país, estimulada pelas ações do presidente com o lema de governo “50 anos em 5”, em uma alusão que o país se desenvolveria em cinco anos o que normalmente levaria 50 anos. Politicamente a gestão JK foi marcada por ampla democracia. No período, cresceram os movimentos reivindicatórios de trabalhadores rurais e urbanos e, concomitantemente, organizações de base para movimentos educacionais de adultos, sobretudo, a partir da segunda metade dos anos 1950.

No início do governo Juscelino Kubitschek, não houve muita alteração em relação à educação de adultos. Com a implementação do Plano de Metas, a educação de adultos se limitou à formação técnico-profissional para atender à demanda de mão de obra qualificada para as indústrias.

No fim dos anos 1950, criticavam-se tanto as deficiências administrativas e financeiras quanto a sua orientação pedagógica, principalmente o curto período de alfabetização e a inadequação do método para os jovens e adultos das diferentes regiões do país. Não se levavam em consideração as diferenças regionais e locais. Portanto se reconhece que as campanhas não cumpriam suas finalidades (PAIVA, 1987). Nesse período, Paulo Freire expôs suas ideias pedagógicas que serviram de base aos principais programas de alfabetização e educação popular realizados no país na década de 1960.

Segundo Paiva (1987), de 1960 até 1964, tivemos grandes movimentos sociais que pretendiam contribuir para a transformação das estruturas sociais, econômicas, culturais e políticas do país e para a criação de uma sociedade mais justa. Ou seja, até 1964, as questões educacionais voltaram a ser analisadas a partir de uma abordagem mais sociológica.

Nesse período histórico, o Movimento Estudantil, com a União Nacional dos Estudantes (UNE), cresceu e participou dos movimentos de Educação de Base.

Discutiram-se a Reforma Universitária e os Movimentos de Educação de Base (MEB), ligados à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) ou aos CPC (Centros de Cultura Popular). Esses movimentos passaram a pressionar o governo federal para que os apoiasse.

Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização baseados na proposta de Paulo Freire.

Com o golpe Militar, em 1964, a execução do plano foi interrompida. Os movimentos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram vistos como grave ameaça à ordem. Os seus promotores foram duramente reprimidos e o exílio foi a saída encontrada por muitos.

Em 1967, o governo assumiu o controle dessa atividade e lançou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que se constituiu como uma organização autônoma em relação ao Ministério da Educação.

Em 1969, o governo militar lançou uma campanha massiva de alfabetização.

As orientações metodológicas e os materiais didáticos do MOBRAL propunham a alfabetização a partir de palavras-chave, retiradas do dia a dia, mas sem o sentido crítico e problematizador da abordagem freireana.

Na década de 1970, a campanha federal se expandiu por todo o território, diversificando sua atuação. Foi implantado o Programa de Educação Integrado (PEI), que dava continuidade aos estudos para os recém-alfabetizados e para os analfabetos funcionais, pessoas que dominavam precariamente a leitura e a escrita. Entretanto os resultados dessa metodologia fracassaram.

Os aprendizes adultos continuaram apenas com o domínio de escrever o nome e algumas palavras.

Na década de 1980, com o início da abertura política, os projetos de alfabetização se desdobraram em turmas de pós-alfabetização. Nessas turmas, aprofundava-se o estudo em relação à língua escrita e às operações matemáticas básicas. Em 1985, o MOBRAL foi extinto e, em seu lugar, ficou a Fundação EDUCAR, que passou a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas de governos, entidades civis e empresas a ela conveniadas.

A história da educação de jovens e adultos chegou aos anos 1990 com a reivindicação para a consolidação de reformulações pedagógicas. A Lei n. 9394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, imprimiu um novo enfoque a essa modalidade de ensino. O grande desafio pedagógico dessa modalidade foi garantir aos jovens e adultos iletrados acesso à cultura letrada, que possibilitasse sua participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura.

O final do século XX impôs a necessidade de inovação no processo educacional, pela exigência, cada vez maior, do domínio da cultura letrada e das novas tecnologias que impulsionaram o avanço da comunicação e a preparação da mão de obra para o mercado de trabalho. No mundo globalizado, não há lugar para os analfabetos.

De acordo com Haddad e Di Pierro (2000), a partir da segunda metade dos anos 1990, houve uma relativização nos planos cultural, jurídico e político dos direitos educativos das pessoas jovens e adultas conquistados nos momentos anteriores. Isso se explica em parte pela própria política neoliberal que se enfrentou no final dos anos 1990 e o alinhamento do Estado brasileiro a ela.

Na transição do século XX para o XXI, o governo federal desenvolveu algumas ações importantes para a EJA sendo fruto de pressão da sociedade civil, principalmente por meio das ações dos Fóruns Estaduais de Educação de Jovens e Adultos.

Destaca-se então a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, em 2000. Sob a coordenação do Conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury, foi aprovado o Parecer n. 11/2000– CEB/CNE, que lançou importantes perspectivas sobre a educação de jovens e adultos.

Em 2004, o governo federal lançou o Programa Brasil Alfabetizado, que tinha como missão abolir o analfabetismo no Brasil e ser um portal de entrada na cidadania. Para isso, articulou-se diretamente o aumento da escolarização de jovens e adultos e promoveu-se o acesso à educação como um direito a todos em qualquer momento da vida. Esses projetos e essas propostas, longe de produzirem o fim do analfabetismo de forma massiva, constituíram-se mais uma tentativa de implantar uma mudança conceitual na forma de interagir com jovens e adultos do que alfabetizar (PÔRTO JR., 2007).

Na trajetória da educação de jovens e adultos no Brasil, teve-se avanços em diversas concepções. Porém na visão de (PÔRTO JR., 2007), poderíamos ter ousado mais a ponto de criar uma educação emancipadora para o jovem e o adulto. Infelizmente, isso não aconteceu devido à capacidade de articulação da elite, que era contra essa visão de educação.

Evasão Escolar

A evasão escolar é um problema complexo que vem ocorrendo no país há muito tempo. Segundo Queiroz (2002), a questão é tema de várias pesquisas e reflexões, não somente pela sociedade civil, mas também pelas organizações e movimentos relacionados à educação no âmbito da pesquisa científica. Porém, apesar deste espaço de discussão, ainda não foi possível encontrar uma solução adequada.

Atualmente, é grande o problema de evasão escolar o que preocupa muito educadores e gestores. Dados do MEC - Ministério da Educação mostram que a evasão atinge

6,9% no Ensino Fundamental e 10% no Ensino Médio. São mais 2,9 milhões (dados de 2007) que abandonam as aulas num ano e retornam no seguinte, engrossando outro índice preocupante: o da distorção idade e série.

A evasão escolar no Brasil é um problema antigo, que perdura até hoje. Apesar dessa situação ainda existir no Ensino Fundamental, atualmente, o que chama atenção é o número de alunos que abandonam o Ensino Médio. (SOUZA, 2011, p. 26).

Dentre os motivos para a evasão escolar estão a necessidade de entrar no mercado de trabalho, pouco interesse, dificuldades de aprendizagem, doenças crônicas, dificuldade em se locomover até a escola, falta de incentivo dos pais, mudanças de endereço e outros.

Na visão de Queiroz (2011),

A evasão escolar, que não é um problema restrito apenas a algumas unidades escolares, mas é uma questão nacional que vem ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro, assim como as questões do analfabetismo e da não valorização dos profissionais da educação, expressa na baixa remuneração e nas precárias condições de trabalho (QUEIROZ, 2011, p. 02).

Sabe-se que a questão de evasão escolar é um problema grave em todo o Brasil, sendo que muitas vezes as escolas assimilam e toleram tal fato chegando a admitir maior número de alunos por turmas já contando com o abandono e desistência no decorrer do ano letivo (DIGIÁCOMO, 2011).

Segundo Patto (2005, p19), “A reprovação e a evasão escolar continuam a assumir proporções inaceitáveis. Este problema revela-se tanto mais grave quanto mais a análise dos números referentes a décadas passadas indica sua antiguidade e persistência”. Como se pode perceber, é um problema grave, tradicionalmente presente ao longo da história em todos os níveis de aprendizagem, ou seja, tanto na educação básica, formação média, formação técnica ou formação superior.

Segundo Brandão, Baeta e Rocha (1985, p. 11), “O problema de evasão e repetência nos remete para questão da seletividade social dentro da escola. A democratização do acesso não é garantia de democratização do ensino”.

Se de um lado tem-se a problemática da evasão escolar, de outro, o esforço para o aumento do número de escolas e do conseqüente aumento de vagas e matrículas não garante o êxito na formação, situações inesperadas surgem nesse contexto impedindo a continuidade da formação do indivíduo.

As ações para conter a evasão vão além de decretos e decisões impositivas, são necessárias següidas ações em conjunto e, sobretudo, ouvir os envolvidos no processo.

Evasão Escolar - responsabilidades da escola, família e sociedade

Diante da questão da evasão na busca da responsabilidade ou da culpa, o que se percebe é uma tentativa de isenção por parte dos envolvidos, transferindo a culpa a outros sujeitos do processo. Normalmente, a culpa recai sobre o próprio aluno, sendo mais cômodo somente responsabilizá-lo do que buscar alternativas em conjunto, escola, família e sociedade, para solucionar o problema.

É mais correto afirmar que é inadmissível separar a escola, a família e a sociedade nesse contexto, pois o indivíduo é aluno, filho e cidadão, logo, a tarefa de ensinar permeia a todos. O aluno aprende através da escola, da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano, influenciando todos nas suas decisões. (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 6).

Portanto, a busca por responsabilidades isoladas não resolverá o problema, o desafio da redução da evasão escolar passa pela exigência de todos repensarem suas práticas.

Grande parte da literatura sobre abandono escolar focaliza a transferência da culpa, em vez de propor medidas para remediar a situação ou prevenir sua ocorrência. “A solução do problema exige mudanças fundamentais nos processos” (SCHARGEL; SMINK. 2001).

Nesta linha de raciocínio,

Família e escola precisam juntas, criar uma força de trabalho para superarem as suas dificuldades, construindo uma identidade própria e coletiva; para isto, é fundamental que se encarem como parceiras de caminhada, pois ambas são responsáveis pelo que produzem - podendo reforçar ou contrariar a influência uma da outra. (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p.7).

Na formação do indivíduo, os aspectos qualitativos e diferenciados são desenvolvidos tanto na escola como na família.

Ricotta (2006, p. 31) destaca que:

A família constrói a personalidade, os universos íntimos e privados, favorecendo a auto-estima, a segurança, a confiança, os sentimentos e emoções – enfim, os alcances e limites pessoais. [...] Já a escola desenvolve a consciência e o entendimento dos espaços públicos, social e convivência, que proporcionam interações. Ambas oferecem o aprendizado de valores que serão incorporados pela pessoa. (RICOTTA, 2006, p.31).

Logo, os fatores de motivação ou de desinteresse do aluno estão intrinsecamente ligados às relações do aluno com seu meio, daí a responsabilidade compartilhada de suas ações.

A reflexão passa exatamente pelos fatores desmotivadores ou influências que fazem os alunos a desinteressarem pelo processo educacional ocasionando sua evasão, ou seja, escola

não atrativa, autoritária, professores despreparados, falta de objetividade, etc. e quanto à família, desinteresse pela vida escolar do filho, desestruturação, convívio complicado, omissão, etc.

Portanto, antes de se pensar em responsabilidades ou culpados quanto à evasão escolar é necessário uma reflexão ampla e conjunta a respeito. Não é possível atribuir as causas da evasão a fatores pontuais, pois são necessários estudos aprofundados sobre o tema a fim de se conhecer os reais fatores abrangentes.

Causas da Evasão

Gaioso (2005) apresenta um elenco das causas da evasão escolar, citando a repetência como fator que provoca a desistência do aluno. Diz que existem evidências de que, após a reprovação, em uma ou mais disciplinas, os alunos são mais propensos a desistirem de seus cursos.

Uma segunda causa apontada pela autora é a falta de orientação vocacional/profissional. Para Gaioso (2005, p.17), “A falta de informações sobre a profissão e o curso em que o aluno ingressa leva muitos à evasão”. Muitas vezes o aluno só vai perceber a sua falta de identificação com o curso no decorrer dos estudos.

Uma terceira causa da evasão escolar, estudada por Gaioso, (idem, p.21), são os prestígios da profissão. Para a autora “Outra razão comumente evidenciada nas pesquisas sobre o abandono dos cursos relaciona-se ao mercado de trabalho e ao prestígio da profissão escolhida”. Para evitar este descompasso entre instituição de ensino e mercado de trabalho, Gaioso (2005) enfatiza ser de responsabilidade da instituição de ensino a integração com o universo de trabalho e a tarefa de ministrar um conhecimento técnico eficiente, contextualizado e científico visando a ofertar a qualificação técnica ao aprendiz, o que se concretiza na qualificação profissional.

Uma quarta causa da evasão escolar é o horário de trabalho. Segundo Gaioso (2005, p.22) “a dificuldade de conciliar a jornada de trabalho e o horário escolar é fator de suma importância na decisão de abandonar a escola”. Acrescenta a autora que as “atividades profissionais entram em conflito com os compromissos dos estudos, e são estes, na maioria das vezes, que são adiados”. Conforme a autora, somam-se a esta dificuldade outras de ordem financeira, tais como, ausência de vantagem imediata com a titulação, problemas familiares e o desinteresse pelo curso.

Finalmente, uma quinta causa da evasão é a desmotivação do aluno tendo em vista a possibilidade de inserção rápida no mercado de trabalho.

O desenvolvimento dessa investigação terá as ideias desses autores aqui elencados como referência de análises das informações coletadas.

METODOLOGIA

A pesquisa é uma atividade básica da ciência, que visa indagar, construir e reconstruir a realidade. Ela segue padrões rígidos na metodologia, tendo sequência de conteúdo e ideias. Segundo Gil (1999, p. 42), “Pode-se definir a pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.”

Por outro lado, a pesquisa qualitativa procura explicar e interpretar o fenômeno; percebe-se o sujeito pesquisado como parte integrante do conhecimento, proporcionando significado ao objeto. Costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento, além disso, não busca enumerar ou medir eventos, e geralmente não emprega instrumental estatístico para análise de dados. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos acerca do objeto de estudo.

O método de pesquisa do presente trabalho foi a pesquisa descritiva qualitativa, na perspectiva do estudo de caso. Foram aplicados questionários aos alunos frequentadores e aos que se evadiram da EJA de Guaraciaba – Santa Catarina.

Para as entrevistas, foram elaboradas perguntas semiestruturadas e com questões fechadas e abertas, como estratégia para o levantamento dos dados para podermos chegar aos objetivos propostos.

Os dados para elaboração deste trabalho foram coletados da seguinte forma:

- Pesquisa bibliográfica: realizada em livros, dicionários, periódicos especializados, além de outras publicações, com dados relacionados ao assunto em estudo;

- Pesquisa de campo: realizada por meio de entrevistas com questionários elaborados antecipadamente com perguntas fechadas. A coleta de dados da pesquisa de campo ocorre por meio de entrevistas, que Martins (2008) define como

(...) uma técnica de pesquisa para coleta de dados cujo objetivo básico é entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador. (MARTINS, 2008, p. 27).

Em Guaraciaba existe, atualmente, uma escola que oferece a modalidade EJA para atender a população do município, sendo os sujeitos desta pesquisa 04 alunos que frequentam a EJA de Guaraciaba, bem como 03 alunos que já se evadiram da sala de aula da EJA; todos escolhidos aleatoriamente na lista de matrículas da EJA no segundo semestre de 2014. Foram aplicados questionários diferenciados para os alunos que frequentam a EJA e para os que se já evadiram. Cada questionário é composto de 09 questões, todas buscando esclarecimentos acerca dos motivos que os mantêm estudando e os que os levaram a abandonar mais uma vez os estudos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir deste item, serão analisados e interpretados os dados recolhidos com as entrevistas, levando-se em conta as vezes que os entrevistados passaram uma mesma ideia acerca de determinado questionamento, retirando o conteúdo do discurso fundamentando em suas respostas.

Para complementar a análise desses dados, utilizar-se-á material bibliográfico de diferentes autores, já apresentados na Fundamentação Teórica, e que fortaleceram o posicionamento dos entrevistados.

Os entrevistados serão identificados como entrevistado A, B, C, D, E, F, G evitando a identificação dos sujeitos dessa pesquisa, conforme já mencionado na metodologia.

Os entrevistados têm idade entre 33 a 59 anos, sendo três entrevistados do sexo feminino e 01 do sexo masculino e que frequentam a EJA de Guaraciaba – SC.

Na questão 01, foi perguntado por que eles frequentam a EJA de Guaraciaba – SC, ao que responderam:

Entrevistado A -

Eu tenho um sonho, fazer carteira de motorista, não quero mais depender de ninguém. Eu preciso estudar muito.

Entrevistado B -

Eu resolvi voltar a estudar por que conheci uma amiga, que me disse que melhorei muito, eu estava tão deprimida, sem ânimo pra nada, então tive que procurar alguma coisa para ocupar minha mente, foi a melhor coisa que fiz, estou me sentindo outra pessoa.

Entrevistado C -

Para poder me defender, eu quero me tornar uma pessoas mais independente, chega de depender dos outros. Quero tirar minha carteira de motorista, que está quase no fim o curso, já passei no exame do volante.

Entrevistado D –

Me obriguei, a empresa onde trabalho exige, eu já devia ter terminado, e agora não tem como fugir, ou faz ou cai fora.

Percebe-se, nas respostas dos entrevistados, a possibilidade de ter uma boa formação, com bons professores e a perspectiva de uma inserção no mercado de trabalho parece ser uma preocupação dos alunos.

A educação é um direito fundamental de todo cidadão, esse direito deve ser assegurado a todos por meio de ações realizadas em conjunto escola, família e toda a sociedade, conforme estabelece a Constituição Federal Brasileira (CFB). “A educação é um direito essencial e fundamental para que o indivíduo possa ser inserido em uma sociedade por inteiro, ou seja, participativo e nas atuações sociais e profissionais.” (CURY, 2002, p. 680).

E ainda, nessa linha de raciocínio, pode-se afirmar que a educação e o desenvolvimento do indivíduo estão diretamente ligados na medida em que um se torna conseqüente e dependente do outro. Para Ricotta (1990), entende-se que “quando educamos alguém estamos colaborando com o seu desenvolvimento e contribuindo para que ele se beneficie desse trabalho”. Questionou-se aos entrevistados sobre quantos anos estão estudando na EJA, ao que foi respondido da seguinte maneira:

Entrevistado A -

Comecei no ano passado, já estou me sentindo uma aluna do NAES, antes era estranho, agora tenho minha turma meus colegas.

Entrevistado B –

Eu comecei esse semestre, é tudo novo pra mim, é estranho dizer para minha família, estou indo para a escola, eu gosto de escutar os professores falando, sempre tem novidades, às vezes assisto o jornal e não entendo muito bem as notícias, mas daí na escola a gente conversa sobre o assunto, daí eu penso “sobre” e compreendo.

Entrevistado C –

Um ano. Eu comecei em fevereiro do ano passado, estou gostando muito, este ano já é melhor pra mim, parece que a minha mente estava adormecida, tenho muita dificuldade ainda, mas já melhorei muito.

Entrevistado D –

Voltei esse ano, eu iniciei no NAES, em 98 ou 99, não me lembro bem, mas na época eu não queria saber de estudar, não achava necessário, e também porque depois arrumei um trabalho durante o dia e de noite estava cansado, e as vezes tinha coisa melhor pra fazer.

Os entrevistados têm pouco tempo de frequência na EJA, sendo que somente o entrevistado D, está há menos tempo fora da escola, pois esse evadiu, mas retornou por exigência da empresa onde trabalha, conforme respondeu na questão 01.

Pode-se observar que não foi fácil para os entrevistados voltarem a estudar, principalmente depois de tanto tempo fora da escola. A maioria desses alunos sai da escola muito cedo, muito antes de completar os estudos, portanto com pouca qualificação e perspectivas de trabalho. Isso contribui para aumentar a desigualdade existente no mundo do trabalho e, conseqüentemente, força-os a um retorno aos bancos escolares.

Compreende-se que a formação dos trabalhadores tem como objetivo o desenvolvimento de competências. Nessa perspectiva, a formação na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, assume como finalidade capacitar indivíduos para que tenham condições de disponibilizar durante seu desempenho profissional os atributos adquiridos na vida social, escolar, pessoal e a rapidez na resolução de problemas. Esse texto é seu? Se não for, fazer referência ao autor.

Na questão, em que os entrevistados responderam se gostam de estudar na EJA, foi respondido por todos deles que sim e por motivos tais como: faz um bem enorme, porque fizeram amizades, tem bastante apoio, existe ajuda mútua, muito diálogo, por que é interessante e necessário.

Percebe-se, então, pelas respostas dos entrevistados, que é gratificante e importante para eles o esforço que fazem para concluírem os estudos e terem uma educação de excelência e que a busca por essa formação plena faz com que gostem de frequentar a EJA.

Com relação ao questionamento que deveriam responder, se caso surgisse outra opção, se eles trocariam de escola, as respostas foram:

Entrevistado A –

Não. Eu acho que esta é a escola que todas as pessoas mais velhas precisam.

Entrevistado B –

Eu acho que não, porque as outras escolas onde tem só jovens, eles não iriam nem me olhar, ou até me condenar por eu estar de volta com essa idade. Eu gosto daqui, me sinto muito bem.

Entrevistado C –

Não, porque as outras escolas não dão oportunidades para as pessoas mais velhas. E as mais jovens não gostam muito de ficar em nossa companhia, tem 2 ou 3 alunos que são mais jovens, eles ficam mais no grupo deles, eles têm outro jeito de falar, e uma atitude que a gente não gosta muito.

Entrevistado D –

Creio que não, porque não conheço nenhuma escola em que possa fazer as duas coisas (conciliar trabalho e estudo).

Entrevistado E –

Pelo fato de não ter escola que atenda pessoas com mais idade.

Percebe-se então a necessidade de uma escola que repense seu cotidiano e da sua importância na formação de pessoas. Para Oliveira (2000), uma educação não apenas entendida no sentido da transmissão de conhecimento, mas no sentido da formação da cidadania.

Entende-se que na busca por uma formação plena não se deve separar a escola, a família e a sociedade nesse contexto, pois o indivíduo é aluno, filho e cidadão, logo, a tarefa de ensinar permeia a todos. Segundo Sousa; José Filho (2008), o aluno aprende através da escola, da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano, influenciando todos nas suas decisões.

Para Imbert (2003), “é preciso ter claro que a educação deve ser vista como integrante de oportunizar para que muitos tenham acesso à educação de forma integrada, ou seja, une a educação básica com a formação profissional”.

Questionou-se se os alunos frequentadores da EJA estão satisfeitos com a forma de os professores ensinarem no que responderam:

Entrevistado A -

Sim. Eu que sou meio lenta, às vezes ainda podia ser mais devagar (explicações e principalmente as atividades).

Entrevistado B -

Os professores são muito bons, eu que sou devagar (lenta) às vezes não consigo acompanhar, mas estou me esforçando, pego em casa, peço ajuda, eu sei que o começo é difícil, mas não pior do que um parto, eu tenho muita dificuldade na escrita, troco d por t, p por b, mas eu sei porque sou de origem alemã. Meu marido diz que sou alema burra e atrapalhada. Convidei ele pra vir comigo, ele disse nem pensar, depois de velho estudar é coisa pra quem não tem o que fazer. Ele só fez até a 3ª série, sabe ler e escrever, mal, mas se vira, acha que tá bom. Ele disse que quando era novo tinha que trabalhar não podia ir pra escola, nem brincar, agora se aposentou quer jogar baralho, se divertir um pouco.

Entrevistado C –

Sim, eles são bons, explicam bem e ajudam na classe, e motivam pra gente continuar estudando. Às vezes me atraso na atividade, e a professora vem na mesa e me orienta, sempre dão um empurrão, a maioria é mais rápido para terminar as atividades.

Entrevistado D – Sim, eu tenho dificuldades, e eles têm paciência para explicar de novo e achar outra forma de fazer a gente entender. Tem uns professores que são muito bons e especiais, outros são mais de dar aula e pronto.

Percebe-se, nas respostas dos entrevistados, que o aluno da EJA por muito tempo não foi visto como um ser humano com uma história de vida de um trabalhador ou de um jovem excluído que busca uma oportunidade de conseguir maiores chances de disputar um emprego

em igualdade de condições com os outros concorrentes, para conseguir um emprego digno; para melhorar no campo profissional, crescendo e se desenvolvendo para um futuro melhor.

Hoje, para esses alunos, a escola representa um espaço de sociabilidade, de inserção social e de dimensão cultural.

Segundo Bobbio (1992), “O direito a educação é uma oportunidade de crescimento do cidadão, um caminho de opções diferenciadas e uma chave de crescente estima sobre si mesmo”.

Devemos nos lembrar das experiências de vida, dos conhecimentos do senso comum, da sabedoria popular, que são trazidos tanto pelos educandos como pelo educador ao espaço escolar. É um momento no qual professor e educandos são parceiros do ato educativo.

Pode-se enriquecer muito as aulas quando o professor tem a noção de que o aluno da EJA, muitas vezes, é uma pessoa amadurecida e traz consigo uma bagagem de conhecimento da vida, o qual ele pode socializar em sala de aula, fazendo com que aquele conteúdo que o professor prepara para a aula não seja repassado de forma unilateral.

Questionou-se se caso surgisse uma oportunidade de trabalho os entrevistados deixariam de estudar. Os entrevistados foram unânimes em responder que não, pois na visão dos mesmos estão contentes por estarem estudando que se sentem valorizados, úteis, fazem o que gostam e é prioridade terminar os estudos.

Observa-se que os entrevistados experimentam situações de descoberta e amor aos estudos, ao conhecimento, à informação.

Desta forma, entende-se que o currículo da EJA deve ser elaborado para a construção da cidadania, permitindo o entendimento das informações que os alunos recebem para que possam aplicá-las em seu cotidiano (MOREIRA, 2003).

Para Moreira e Silva (2000, p. 42) “(...) nas escolas não se aprendem apenas conteúdos sobre o mundo natural e social, adquire-se também consciência, (...) que comanda relações e comportamentos sociais”.

Ao serem questionados se conhecem alguém que abandonou os estudos na EJA, as respostas foram:

Entrevistado A –

Sim, meu marido, ele começou comigo, e não vai mais porque tem problemas de saúde. Ele estava bem animado, e agora ele diz ‘vai você, aproveita enquanto tu tá bem.

Entrevistado B –
Não conheço.

Entrevistado C –
Não, mas conheço muitas pessoas na minha faixa etária que deixaram e que hoje estão arrependidos. Estava convencendo uma vizinha para ir comigo.

Entrevistado D –
Sim, eu. Se soubesse que ia fazer tanta falta eu teria me esforçado um pouco, as vezes a gente é burro, vai atrás dos outros, hoje eu só escuto aqueles que me dão conselhos bons e não vou atrás de ideias que não me levam a nada.

A evasão escolar é um problema grave nos sistemas de educação, sendo muitas vezes assimilada com indiferença pelas escolas, professores, famílias e pelos agentes do processo de educação como um todo.

Diante da questão da evasão, na busca da responsabilidade ou da culpa, o que se percebe é uma tentativa de isenção por parte dos envolvidos, transferindo a culpa a outros sujeitos do processo. Normalmente, a culpa recai sobre o próprio aluno, sendo mais cômodo somente responsabilizá-lo do que buscar alternativas em conjunto, escola, família e sociedade, para solucionar o problema.

O aluno muitas vezes se evade, deixando de comparecer e rompendo o vínculo com a escola, por vezes sem dar explicações. Neste sentido, o tema evasão será tratado a partir das respostas dos entrevistados que se evadiram da EJA de Guaraciaba – SC.

Foram entrevistados três alunos que se evadiram da EJA com idade de 40 a 55 anos, todos do sexo feminino.

Todos os entrevistados ainda trabalham para ajudar no sustento de seus lares.

Foram questionados sobre há quantos anos não frequentam mais a EJA, e responderam:

Entrevistado A - 04 anos
Entrevistado B - 08 anos
Entrevistado C – 02 anos

Percebe-se que o tempo de afastamento nos dois primeiros casos é mais longo. Entende-se que quanto mais tempo se passa fora do ambiente escolarizado torna-se cada vez mais difícil o retorno desses alunos à escola.

Na questão sobre qual o motivo que os levou a se evadirem da EJA, os mesmos responderam:

Entrevistado A -

Dificuldade em aprender. E tinha que cuidar dos filhos por que o marido tinha que trabalhar.

Entrevistado B - Problemas de Saúde.

Entrevistado C – Tinha que trabalhar e estava sempre cansada para estudar. Desmotivada.

Foi possível evidenciar que a principal causa da evasão está relacionada ao mercado de trabalho. Alguns alunos não iniciaram o curso ou, se iniciaram, desistiram em virtude de ter conseguido um emprego e, nesse momento a necessidade de curto prazo (trabalho e renda) falou mais forte; e outros desistiram por já estarem no mercado de trabalho e não conseguirem conciliá-lo com os estudos.

Nos dias atuais, a escola precisa estar preparada para isso, pois cada vez mais a necessidade de trabalhar faz com que as pessoas que frequentam a EJA se afastem da escola. Sabemos que a problemática da evasão escolar se transformou em um dos desafios enfrentados, pois as suas causas estão ligadas a vários fatores como social, cultural, político e econômico.

Segundo a visão de Paro (1996)

A grande maioria da população de nossas escolas apresentam problemas relacionados à desnutrição, fome, carência afetiva e cultural, falta de condições materiais e psicológicas para em casa, necessidade de trabalhar para ajudar no orçamento doméstico e seu sustendo, bem como uma série de outros problemas advindos do estado de injustiça social vigente e que comprometem o desenvolvimento do aluno em seu processo de aprendizagem. (Ibdem, p. 143)

CONCLUSÃO

O problema de evasão não é recente, mas o que tem impedido a EJA de Guaraciaba de resolver esse problema, até então, acredita-se que seja a falta de uma pesquisa contundente para identificar os reais motivos que interferem na decisão do aluno pelo abandono. Estando em posse dessas informações, torna-se necessária a elaboração um Projeto de Intervenção, com medidas e alternativas de soluções mais eficazes dos problemas levantados na Pesquisa Investigativa.

Entende-se que o aluno pode ter dificuldade em alguns dos aspectos citados, mas que essas podem ser facilmente sanadas posteriormente. No entanto, os entrevistados mostram aspectos ligados à não adaptação de seus ritmos de vida às necessidades da escola, levando-os à desistência. Essa situação, que leva o aluno a abandonar a escola, pode ter sua origem na falta de informação para ajudá-lo na busca por ajuda para se adaptar.

Sabe-se que as causas de evasão são diversas e que, em muitos dos elencados pelos alunos entrevistados, estão fora do domínio da escola ou de qualquer ação que a mesma possa promover. Os motivos, às vezes são particulares ou de saúde e muitas vezes podem fugir até da decisão do próprio aluno, ou seja, motivos particulares sempre existirão e possivelmente farão com que pessoas desistam dos estudos.

Conclui-se, portanto, que causas da alta incidência de evasão dos alunos matriculados na EJA do município de Guaraciaba-SC é intrínseca à atividade escolar e está fora do domínio da instituição de ensino. Porém, como educadores, seja da EJA ou de qualquer outra modalidade de ensino, não se pode acreditar que a escola não tenha dever e parcela de responsabilidade em muitos aspectos que levam o aluno a evasão. Mesmo quando os motivos da evasão dos alunos é externo ao ambiente escolar, a escola deve, sempre, na figura de seus profissionais, apresentar propostas e alternativas tanto para alunos quanto para autoridades, no sentido de garantir o acesso e a permanência de todos os cidadãos no ambiente escolarizado, por todo o tempo a que tem direito, pois nas escolas estão os profissionais que mais entendem de educação. E esses profissionais da educação não devem e não podem se acomodar diante dos fracassos e da negação dos direitos dos seus alunos.

Este estudo teve como objetivo realizar pesquisa para entender a causa da incidência de evasão que ocorre com alunos que frequentam a EJA de Guaraciaba – SC.

É necessário reconhecer que o problema da evasão escolar é um dos desafios enfrentados pelo sistema de ensino público e privado brasileiro dada a complexidade em lidar com os problemas internos e externos a escola. Por outro lado, a dificuldade em conciliar a escola e o trabalho é uma questão que demanda um estudo específico de investigação pois os evadidos alegaram ser este o motivo principal da evasão.

Para ajudá-los a permanecerem na escola é necessário respeitar as suas diferenças intelectuais, lembrando que aquele que tem mais dificuldade, nem sempre aprende na mesma velocidade dos demais.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

DIGIÁCOMO, Murilo José. **Evasão Escolar: Não Basta Comunicar e as Mãos Lavar**. Disponível em: http://w.www.mp.ba.gov.br/atuacao/infancia/evasao_escola_murilo.pdf. Acesso em: 30/05/2014.

GAIOSO, N. P. L. **O fenômeno da evasão escolar na educação superior no Brasil**. Brasília, 2005.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, n. 14, p. 108-130, maio/ago. 2000.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 4. ed. Brasília: UnB, 1963.

IMBERT, F. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília: Plano, 2000.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adultos**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do psicólogo. 2005.

PÔRTO JR., G. (Org.). **Anísio Teixeira e o ensino superior**. Brasília: Bárbara Bela, 2001.

_____. (Org.). **História do tempo presente**. São Paulo: Edusc, 2007.

_____.; CUNHA, J. L. (Org.). **Anísio Teixeira e a escola pública**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2000.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um Estudo Sobre a Evasão Escolar: para se pensar na inclusão escolar**. 2002 Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/25/lucileidedomingosqueirozt13.rtf. Acesso em: 30/05/2014.

RICOTTA, Luiza Cristina de Azevedo. **Educação e Desenvolvimento**. São Paulo: Ágora (Summus). 1991.

RICOTTA, Luiza Cristina de Azevedo. **Valores do Educador: Uma ponte para a Sociedade do Futuro**. São Paulo: Ágora (Summus). 2006.

SOUSA, Antônia de Abreu. **Evasão escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas?** Disponível em: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/viewFile/1220/641...> Acesso em: 30/05/2014.

SOUZA, Ana Paula; JOSÉ FILHO, Mário. **A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional**. Artigo da Universidade Estadual Paulista, Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.rioei.org/1821.htm>. Acessado em: 24/03/2015.